

Uma visão de paz

Apresentação à edição brasileira

A experiência do fim

Se há um Winston Churchill na história política norte-americana, este é John F. Kennedy. Isso não significa dizer que Kennedy foi o melhor orador entre os presidentes dos Estados Unidos. Um embate com Abraham Lincoln seria, muito provavelmente, desvantajoso a JFK. De qualquer forma, algumas semelhanças aproximam Kennedy de Churchill, certamente dois dos políticos mais importantes do século XX.

Como Churchill, Kennedy também quebrou tradições. Se o ex-primeiro-ministro atacou as regalias da aristocracia britânica, JFK foi, na história, o segundo candidato católico a presidente dos Estados Unidos, e o primeiro a ser eleito, numa nação de ampla maioria protestante. Kennedy também enfrentou o velho racismo do Sul – depois de muita pressão, é verdade – e foi o presidente eleito* mais jovem da história norte-americana, aos 43 anos, quase 27 anos mais moço que o seu antecessor, Dwight Eisenhower, quando este deixou o cargo.

Como Churchill, Kennedy também tinha pretensões literárias e era adepto da historiografia amadora. O norte-americano não alçou vôos tão altos quanto o britânico, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1953. JFK, no entanto, foi agraciado com a principal comenda literária dos Estados Unidos, o prêmio Pulitzer, em 1957, com o livro *Profiles in Courage*. Não à toa, ele escreveu um compêndio sobre a coragem de políticos norte-americanos do passado que enfrentaram o senso comum e mudaram seu tempo com propostas inovadoras. Como Churchill, Kennedy foi a encarnação política do espírito de liderança.

* Theodore Roosevelt chegou à Casa Branca mais novo, aos 42 anos, mas Ted, como era conhecido, não foi eleito, tomou posse depois do assassinato do presidente William McKinley, em 14 de setembro de 1901.

Os discursos selecionados para esta obra, sempre acompanhados da contextualização brilhante do professor Robert Dallek e do jornalista Terry Golway são fonte preciosa de uma época em que o mundo esteve à beira do precipício. Durante o curto mandato de Kennedy, Estados Unidos e União Soviética estiveram envolvidos direta ou indiretamente na invasão frustrada de exilados cubanos treinados pela CIA à Baía dos Porcos, na Crise de Berlim e na perigosíssima Crise dos Mísseis.

De fato, é difícil saber quem veio primeiro: se os fatos ou o presidente. Foi a pouco conhecida postura agressiva de Kennedy na campanha à Presidência e nos primeiros anos de governo que gerou respostas soviéticas à altura? Ou JFK foi pego pelo destino, tendo que carregar o fardo de uma contenda atrás da outra, durante os poucos anos em que esteve na Casa Branca?

De uma forma ou de outra, Kennedy acendeu o pavio da Guerra Fria. Desde os primeiros momentos de sua campanha, atacou o então presidente Eisenhower por permitir que os soviéticos passassem à frente dos Estados Unidos tanto na corrida armamentista quanto na espacial, sendo que apenas na segunda isso era verdade. Apesar de não ter sido o mentor do plano de retirada de Fidel Castro do poder e de não ter envolvido as Forças Armadas norte-americanas na invasão da Baía dos Porcos, JFK estava ciente do fato e deu luz verde à operação comandada pela CIA. Para muitos historiadores, a Crise dos Mísseis e o quase desastre ocorrido na viagem-teste apressada do primeiro submarino nuclear soviético, o K-19 (conhecido como o “fazedor de viúvas”, ou o “Hiroshima”, para a Marinha russa) foram respostas da linha-dura no Kremlin à agressividade inicial de Kennedy, talvez necessária a JFK internamente, para contrapor as questões levantadas por seu catolicismo e sua juventude.

Na verdade, Eisenhower, ou Ike, como era conhecido, deixou a Kennedy uma vantagem significativa na corrida armamentista da Guerra Fria. Mesmo assim, JFK, ao tomar posse, iniciou a produção de 1000 mísseis balísticos intercontinentais, além de 32 submarinos Polaris, com mais 656 mísseis. Moscou, no mesmo momento, não tinha um submarino capaz de lançar mísseis balísticos até o K-19, que podia carregar apenas três. Na mesma época, enquanto os soviéticos tinham 50 bombardeiros que poderiam atacar os Estados Unidos lançando ogivas nucleares sobre o país, os norte-americanos tinham mais de 500, prontos para serem utilizados.

O modelo da Guerra Fria não comportava tamanho desequilíbrio estratégico, e os russos tiveram de correr atrás. Uma tentativa de demonstrar poder foi tornar o K-19 operacional rapidamente, o que quase causou um acidente nuclear de proporções catastróficas. Outra foi o envio de mísseis a

Cuba, no episódio que acabou conhecido nos EUA como a Crise dos Mísseis (na União Soviética, como a Crise do Caribe; e, em Cuba, como a Crise de Outubro). Além disso, a política agressiva de Kennedy diminuiu a margem de negociação de Krushchev a respeito de Berlim, um impasse que vinha sem solução desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Pressionado internamente, Krushchev endureceu a posição no encontro de cúpula com Kennedy em Viena, em junho de 1961, quando o K-19 saía para a sua primeira viagem-teste. Sem acordo, a capital alemã foi dividida por um muro.

No entanto, como um personagem shakespeariano capaz de pensar sobre si mesmo e mudar seu comportamento, o Kennedy que sobreviveu à sucessão de crises que poderia ter levado a humanidade ao fim é bastante diferente daquele jovem político que buscava se impor na campanha presidencial e no início do mandato. Em 1963, Kennedy era o porta-voz da esperança e da paz, do entendimento e da compreensão, da auto-reflexão e da justiça. Seus dois principais discursos desse momento – “Uma visão de paz” e “A crise moral da nação” – apresentam argumentos concretos para uma vida mais justa dentro e fora dos Estados Unidos, sem que isso significasse uma deferência ao sistema comunista, como mostra o forte pronunciamento, da mesma época, “Ich bin ein Berliner”.

Os discursos de John Kennedy trazem um estilo refinado e uma rara erudição. Porém, mais importante, guardam e revelam sua experiência histórica.

ARTHUR ITUASSU,

professor de relações internacionais na PUC-Rio